

Pensando com (ou contra) Marx? Sobre o método dialético de *O Capital**

HECTOR BENOIT**

O modo de exposição e a literalidade

A diferença metódica principal entre certas leituras de Marx e aquela que apresentamos em artigo recente é que, para nós, o modo de exposição de Marx (*die Darstellungsweise*) deve ser respeitado *rigorosamente*.¹ Parece-nos totalmente incorreto, por exemplo, atitudes de leitura como aquelas de Maximilien Rubel que, na sua edição de *O Capital* (que é tão cuidadosa em muitos aspectos), recorta certos capítulos do livro primeiro e lança as supressões em apêndices, alegando serem partes “históricas” dispensáveis que o próprio Marx, segundo ele, teria suprimido se tivesse tido mais tempo.² Entre os acadêmicos brasileiros, nas teses, artigos e livros, temos diversos exemplos similares de “revisores” do texto de Marx. A obra de Teixeira, apesar de elogiável em muitos aspectos e apesar do título, *Pensando com Marx*, que aponta para a fidelidade ao autor de *O Capital*, apresenta também alguns problemas daquele gênero, isto é, apesar das suas qualidades, também se afasta, em diversos momentos, da própria literalidade do texto de Marx.³

* Este texto é reprodução de manuscrito redigido para exposição feita em debate, com F. J. Soares Teixeira, do dia 15/12/1996, no IFCH, Unicamp, em reunião organizada pelo Cemarx (Centro de Estudos Marxistas). Foram acrescentadas apenas algumas notas de referência, assim como algumas correções de estilo.

** Professor do Departamento de Filosofia da Unicamp.

1. Referimo-nos ao nosso artigo intitulado “Sobre a crítica (dialética) de *O Capital*”, *Crítica Marxista*, nº 3, 1996.

2. Cf. *Le Capital. In: Oeuvres, Economie I, Notice*, p. 540-541, Gallimard. 1963. Rubel faz dez anexos recortados dos capítulos X, XV e XXV (cf. índice em p. 1.818).

3. Refiro-me à obra de Francisco José Soares Teixeira intitulada *Pensando com Marx*. Ensaio. 1995. A sugestão de debater esta obra, contrapondo-a àquele meu ensaio, partiu do Cemarx.

Exatamente em sentido contrário caminha a nossa metodologia de leitura. Consideramos fundamental a defesa da literalidade e o respeito rigoroso do modo de exposição de Marx. Não se trata de uma exigência vinculada a uma defesa incondicional de um suposto “marxismo ortodoxo”, ou de uma defesa fetichista do texto de Marx. Esta exigência coloca-se, para nós, pois, a nosso ver, estaria no próprio *modo de exposição*, na própria *disposição* das diversas partes da obra *O Capital*, na literalidade do texto último que Marx nos deixou, particularmente, no primeiro livro de *O Capital* (o único acabado), estaria ali, nesta literalidade, um conteúdo conceitual fundamental jamais suficientemente compreendido e pensado por grande parte dos próprios marxistas: ali, na própria disposição das partes, estaria a manifestação do pensamento de Marx, enquanto *dever*, enquanto processo *transitório*, em uma expressão, enquanto *movimento dialético*. Esta disposição das partes de *O Capital*, em geral, não é respeitada, mas, contendo esta disposição, como pensamos, o próprio movimento dialético do pensamento de Marx, seria esta disposição exatamente aquilo que manifesta este pensamento enquanto um pensamento *revolucionário* e não, meramente, *crítico*. Este modo de exposição de Marx seria justamente, como já indicara Lenin nos *Cadernos filosóficos*, a expressão mais perfeita da “arte” dialética marxista: “Se Marx não nos deixou a *Lógica* (com um grande L), nos deixou a *lógica* de *O Capital* (...) Ponto de partida — o ‘ser’ mais simples, mais habitual, mais corrente, mais imediato: uma mercadoria singular (o *Sein* em economia política). Sua análise como relação social. Análise *dupla*, dedutiva e indutiva, — lógica e histórica (as formas do valor)”.⁴

Diversos manuais e propostas de leitura de *O Capital*, como se sabe, alteram a *disposição* das partes e assim a literalidade textual de Marx. Essa revisão textual, no entanto, não é realizada sem graves conseqüências teóricas (e ideológicas). Pensam, inocentemente, (os professores e pós-graduandos em marxismo) que podem ser mais didáticos que Marx (e que Lenin) ou que podem melhorar ou ainda aperfeiçoar o pensamento de Marx alterando a ordem de Marx, recortando seu texto, tirando pedaços, juntando e sobrepondo outros textos (às vezes, esboços do próprio Marx, manuscritos não publicados, etc.). Ora, se esquecem que Marx gastou anos e anos lutando para encontrar a unidade dialética entre forma e conteúdo, ou para usar as palavras do próprio Marx, se esquecem que ele gastou muito tempo para encontrar “a vida da matéria” (*das Leben des Stoffes*⁵), ou seja, a disposição correta das partes, disposição esta que constitui a superação do momento

4. Lenin, *Cadernos filosóficos*. In: *Lenine, Oeuvres*, tomo 38, Paris, Ed. Sociales. 1976, p. 304-305. Na p. 304, Lenin, inclusive, descreve em breve esquema este modo radicalmente preciso de exposição: “Mercadoria — dinheiro — capital — produção da *Mehrwert* absoluta — produção da *Mehrwert* relativa — História do capitalismo e análise dos *conceitos* que a resumem”.

5. “Posfácio da Segunda Edição” de *O Capital*, Livro I, MEW, 23, p. 27.

meramente analítico, a penetração no momento *sintético*, a síntese dialética da análise. Mas, é exatamente na superação do meramente analítico que se situa a superação marxista da obra *crítica* (no sentido kantiano) por uma obra que é ao mesmo tempo crítica e *revolucionária*.⁶

Tomemos o exemplo de Teixeira. Este autor, ainda que não tenha a intenção de fazer grandes alterações ao texto de Marx (e aqui estariam potencialmente as maiores qualidades, a meu ver, da sua leitura), também não considera, porém, realmente importante a própria *disposição das partes* na literalidade deixada por Marx. Assim é que faz várias alterações, adiantamentos, sobreposições e às vezes supressões, algumas das quais considero graves. Citemos algumas dessas alterações, afastamentos e transformações da literalidade original de Marx, que se manifestam no texto de Teixeira.

No item “O método de exposição em *O Capital*” (p. 37), Teixeira cita trecho de Marcos Müller dizendo: “a exposição é essencialmente crítica porque ela só reconstitui a totalidade sistemática das determinações do capital, através da tematização da sua estrutura e de seu movimento contraditórios. (...) Enquanto exposição das contradições do capital ela é essencialmente crítica”.⁷ Ainda que talvez contra o sentido de “crítica” que queria expressar Müller, esta citação, no texto de Teixeira, expressa bem o sentido kantiano-analítico de toda a sua leitura. Neste tipo de leitura, parece como se *O Capital*, obra subintitulada “*Kritik*” *der politischen Oekonomie*, fosse somente uma crítica na instância da teoria do conhecimento, uma crítica da *ciência* Economia Política e, estivesse assim, enquanto crítica epistemológica, lançando os fundamentos para uma nova Economia Política, uma Economia Política Marxista. Lembro, no entanto, o texto de Marx que cito como epígrafe no meu artigo:

Em sua forma mistificada a dialética foi um modismo alemão porque parecia transfigurar o existente. Em sua configuração racional, para a burguesia e para os seus doutrinários porta-vozes, a dialética é um escândalo e um horror, porque ela na positiva compreensão do existente contém, ao mesmo tempo, a compreensão

6. Observo que boa parte dos “marxistas” de formação em sociologia ou em economia fala e abusa de expressões como “posição crítica” ou “obra crítica” e entendem “crítica” num sentido meramente kantiano. Para tentarem escapar do positivismo da sociologia ou do empirismo da economia, tornam-se “críticos”, e assim, paradoxalmente, transformam-se não só em pré-marxistas, como em pré-hegelianos, isto é, tornam-se kantianos (no mau sentido da palavra). Talvez, por isso mesmo, muitos (sobretudo, althusserianos) recortam, como maus açougueiros, a obra *O Capital*, reinstaurando-a como meramente analítica. Outros (sobretudo, lukacsianos ou frankfurtianos), à procura também de outro Marx (“ético”, “político” ou “filosófico”), preferem os esboços de juventude ou aqueles de 1857-58 ao Marx de *O Capital*. Na verdade, uns e outros, preferem, do interior do seu kantismo mais ou menos inconsciente, momentos analíticos e meramente críticos da obra de Marx; desprezando porém *o momento do analítico que é também sintético*, o momento crítico e *revolucionário* que caracteriza, sobretudo, o texto do primeiro livro de *O Capital*.

7. Trata-se de interessante artigo de Müller publicado em 1982 que, sem dúvida, merece uma republicação. Com certeza, Müller (como grande conhecedor de Hegel) não está utilizando “crítica”, de maneira inocente, no sentido exclusivamente kantiano, no entanto, a maioria dos seus leitores (como bons “cientistas sociais”) não compreende a palavra “crítica” além dos limites de uma racionalidade analítica.

da sua negação, da sua necessária submersão; cada forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, é também apreendida do seu lado transitório; (a dialética) sem deixar se submeter por nada, é em sua essência *crítica e revolucionária*. (grifos nossos; Marx, posfácio da 2ª edição de *O Capital*, MEW, 23, p. 27-8)

Como afirma assim Marx, nesse texto, “a dialética é crítica e revolucionária”. Se ela fosse somente *crítica*, poderíamos compreender o discurso de Marx na instância do que Hegel chamava “entendimento” (*Verstand*). Mas a dialética em Marx é *crítica e revolucionária* pois não se limita à racionalidade analítica do entendimento. Em Marx, a análise desemboca num processo duplamente negativo (negação da negação), no qual a negação do caráter negativo da análise é o momento fundamental em que se produz o elevar-se ao domínio de uma racionalidade superior, aquela que caracteriza propriamente o momento da racionalidade dialética.⁸

Somente a partir deste momento *propriamente dialético* é possível desvelar o fundamento da realidade existente e iniciar a sua superação, sendo assim, este momento é o prenunciar do novo, do novo que surge graças ao fundamento antigo que foi abalado. Sendo assim, este momento é propriamente o revolucionário na dialética de Marx e somente é apreendido quando se segue rigorosamente o desenvolvimento preciso da disposição de suas partes: somente assim ocorre o devir preciso construído por Marx e a *exposição* que transforma as diversas *pressuposições* finalmente em *postas*. No caso do primeiro livro de *O Capital*, este momento propriamente dialético ocorre na seção sétima, quando se mostra, finalmente, que a contradição da luta de classes é o verdadeiro substrato de todas as outras contradições anteriores tanto históricas como lógicas. Sendo assim, todas as contradições anteriores, até na esfera da própria circulação simples ou troca de mercadorias, analisadas na seção primeira e segunda, são superadas dialeticamente e transmutam-se também em contradições de classe. O processo de expropriação (e assim a luta de classes) mostra-se como o pressuposto de todo o processo. A tendência histórica da acumulação capitalista (item 7 do cap. XXIV) manifesta-se como a negação da negação, a expropriação dos expropriadores: anuncia-se a revolução socialista.

A seção segunda e a divisão geral

Ora, tomando o livro de Teixeira, ainda naquele item “O método de exposição em *O Capital*”, podemos já ver como ocorre uma compreensão

8. Hegel, do interior do seu idealismo, chama este domínio de “racionalidade especulativa”. Não se trata porém de um conceito criado por Hegel. Já na dialética antiga diferenciava-se o domínio da racionalidade analítica das matemáticas, que era chamado de *dianoia*, do domínio superior da *noesis*. Somente ao se atingir o domínio da *noesis*, torna-se possível (para a dialética antiga) desvelar o fundamento, a *arké* do que é, e refundar todo o processo anterior de análise. Este domínio, enquanto momento fundamental da dialética (ainda que com substratos diferentes), pode ser descrito em Platão, em Proclus, em Hegel e em Marx, ou seja, nos diversos momentos da tradição dialética.

deformada do *devoir* das diversas partes de *O Capital*. Isto se manifesta de maneira clara já na divisão do livro I apresentada por Teixeira. Na p. 38, Teixeira faz a sua divisão geral do livro I de *O Capital* que, a nosso ver, apresenta sérios problemas. Afirma o autor que a *primeira parte* contém a *seção primeira* (ou seja, os capítulos I, II, III), a *segunda parte* “abrange as seções que vão da II à VI” (ou seja, dos capítulos IV até o XX) e a *terceira parte* corresponde “à última seção do livro, a seção VII” (ou seja, dos capítulos XXI até o XXV).

Com esta divisão, Teixeira, passando por cima das divisões de Marx, coloca a seção II⁹, que corresponde, na edição alemã, somente ao capítulo IV (“A transformação do dinheiro em capital”), juntamente com os capítulos que se referem à produção (da mais-valia absoluta e relativa) e às formas de salário. Na verdade, esta seção segunda de um só capítulo é *transitória*, prepara a passagem para o âmbito da produção, mas, indubitavelmente, ainda permanece apenas na fronteira desta esfera. Assim é que Marx, ao final desta seção II, nos convida a entrarmos no interior do processo produtivo afirmando: “Abandonemos então, junto com o possuidor do dinheiro e o possuidor da força de trabalho, essa esfera ruidosa, existente na superfície e acessível a todos os olhos, para seguir os dois ao local oculto da produção (...)”.⁹ Vamos entrar no interior do processo da produção na seção e capítulo seguintes (seção III, capítulo V). Só então, promete Marx (ainda no final do capítulo IV), “o segredo da fabricação de mais-valia há de se finalmente desvendar”.¹⁰ Não por acaso, assim a seção II é composta de somente um único capítulo.¹¹ Ao contrário de um mero acidente, este fato ressalta a transição que aqui está para ocorrer da esfera da circulação àquela da produção.

Mas, a confusão de Teixeira, na mesma página 38, aumenta mais. Após classificar incorretamente esta seção II e o capítulo IV na esfera da *produção*, o autor procura explicar a esfera (ainda) da *circulação* se referindo, exatamente, a este capítulo IV, que paradoxalmente, pertencia à “segunda parte” (ou seja, “à esfera da essência”, como diz ele). Leiam o texto de Teixeira: “Na *primeira parte* [grifo HB], Marx expõe a circulação simples, como aparência imediata do sistema. No nível dessa aparência, é o estudo das leis da produção de mercadorias e do dinheiro, os objetos que constituem o ponto de partida de

9. Ed. alemã cit., p. 189; edição brasileira, trad. R. Barbosa e Kohte, p. 144.

10. Marx, seção II, cap. IV, ed. alemã p. 189; ed. brasileira p. 145.

11. Observe-se que nas edições francesa e inglesa esta seção II passou a três capítulos mas, na verdade, trata-se apenas do desdobramento dos itens já existentes no capítulo IV original da primeira edição alemã. Desta forma, nem Marx (que reviu a edição francesa), nem Engels (que foi responsável pela edição inglesa) consideraram pertinente mudar a disposição da seção II em relação às outras. No caso da edição francesa, sabe-se que ela foi publicada em fascículos e isso certamente motivou a transformação dos itens do capítulo IV em outros capítulos.

sua exposição. Referido estudo revela que, nessa esfera, o que unicamente reina é liberdade, igualdade, propriedade e Bentham (...).¹²

Ora, como se sabe, essa célebre passagem de Marx (“O que aqui reina é unicamente Liberdade, Igualdade, Propriedade e Bentham”), aludida aqui, é uma referência direta ao final do capítulo quarto.¹³ Mas, diante disto, cabe perguntar: afinal, a seção segunda de *O Capital*, para Teixeira, pertence à circulação ou à produção? A confusão é total! Como atesta, mais ainda, uma releitura da própria passagem já citada. Voltemos a ela. Afirma Teixeira, como vimos, que Marx expõe na primeira parte a circulação simples, “como aparência imediata do sistema”. Muito bem! Mas acrescenta (grifos HB): “No nível dessa aparência, é o estudo das leis da *produção* de mercadorias e do dinheiro, os objetos [???] que constituem o ponto de partida de sua exposição”. Ora, ele está dizendo (ou estaria querendo dizer) que o estudo das leis da *produção* de mercadorias e do dinheiro é o objeto do qual parte a exposição de Marx? Está dizendo que Marx, ao estudar a circulação simples, estuda as leis da *produção* de mercadorias? Seria necessário lembrar que Marx repete até a exaustão que, para ele, a esfera da circulação simples é a esfera da *troca* de mercadorias e não da *produção*? Como diz Marx, no começo dos dois últimos parágrafos do capítulo IV: “A esfera da circulação ou da *troca* de mercadorias (*Die Sphäre der Zirkulation oder des Warenaustausches*), dentro de cujos limites se movimentam compra e venda da força de trabalho, era de fato um verdadeiro éden dos direitos naturais do homem”.¹⁴ Vejamos o outro parágrafo ainda deste capítulo IV: “Ao sair dessa esfera da circulação simples ou da *troca* de mercadorias (*dieser Sphäre der einfachen Zirkulation oder des Warenaustausches*), da qual o livre-cambista *vulgaris* extrai concepções, conceitos e critérios para seu juízo sobre a sociedade do capital e do trabalho assalariado, já se transforma, assim parece, em algo a fisionomia dos personagens do nosso drama”.¹⁵

Como vemos, as imprecisões de Teixeira acumulam-se de maneira surpreendente. Temos certeza que ele próprio não é um livre-cambista *vulgaris*, no entanto, como negar que a sua divisão geral do primeiro livro, ao menos como está aqui expressa, mostrou-se, no mínimo, confusa?¹⁶

12. *Op. cit.* p. 38.

13. Ed. alemã, p. 189-190; ed. brasileira, p. 145.

14. Ed. alemã, p. 189; ed. brasileira., p. 145.

15. Ed. alemã, p. 190-191, ed. brasileira, p. 145.

16. Claro que para Marx, em certo sentido, a troca, enquanto momento de mediação entre a produção, distribuição e consumo, pode ser considerada também como momento da produção. Parece-nos, no entanto, que aqui (como mais adiante, cf. suas análises das p. 54-55) Teixeira esteja dando ênfase excessiva à *continuidade* desses momentos. Enquanto que para Marx, na

Ainda em relação ao resumo do livro primeiro apresentado pelo autor, cabe ressaltar que nada praticamente diz a respeito do capítulo XXIV (A assim chamada acumulação primitiva”) e, sobretudo, nada diz a respeito do item sete, “A tendência histórica da acumulação capitalista”, que anuncia a derrocada do modo de produção capitalista, ou seja, a expropriação dos expropriadores, a negação da negação.

Quando Teixeira faz, em seguida, um breve resumo dos livros II e III de *O Capital*, nota-se que, mais uma vez, de maneira sintomática, retoma a omissão cometida quanto ao livro I. Nada diz da seção VII do livro III e particularmente do capítulo 51 (“Relações de distribuição e relações de produção”), onde Marx, mais uma vez, anuncia a possibilidade da revolução ao mostrar o antagonismo e contradição entre as relações de distribuição (ou seja, a forma concreta das relações de produção) e as forças produtivas. Nada diz também a respeito do capítulo 52, o último de *O Capital*, que se intitula, significativamente, *Die Klassen*, e que apesar de quase não escrito, seria no âmbito do plano geral de Marx o capítulo que corresponderia ao item sete do capítulo XXIV do livro primeiro, aquele da negação da negação.¹⁷

Prolegômenos a *O Capital*

Tudo isso que comentamos até agora, no entanto, se referia apenas aos “Prolegômenos de uma leitura crítica” que nos “preparam” para ler Marx. Depois destes longos “prolegômenos”, quase cinquenta páginas, parece que Teixeira vai finalmente “pensar com Marx” e ler *O Capital*. Ao menos isto parece anunciado ao observarmos os títulos das três partes gerais do seu índice (Parte I, “A teoria da produção do capital”; Parte II, “A teoria da circulação do capital”; Parte III, “O processo global da produção capitalista”) que quase correspondem aos títulos dos três livros de *O Capital* (Livro I, “O processo de produção do capital”; Livro II, “O processo de circulação do capital”; Livro III, “O processo total [*Der Gesamtprozess*] da produção capitalista”). Mas enganam-se os que assim pensarem. Enquanto Marx descreve nos livros I, II e III de *O Capital* “processos”, Teixeira nos contempla nas suas partes I e II com algo mais elevado. Observem bem, Teixeira não descreve processos, mas sim, faz a “teoria” da produção e da circulação do capital.

Realmente, consultando o seu capítulo primeiro, vemos que Teixeira não parte da análise da mercadoria, como faz Marx. Corrigindo o modo de exposição de Marx, antes de entrar na análise da mercadoria, Teixeira sente

primeira seção de *O Capital*, trata-se justamente de partir do ponto de vista da Economia Política burguesa que privilegia o âmbito da *troca* enquanto momento isolado.

17. Observe-se que mesmo Ruy Fausto, cujas análises se caracterizam por sustentar que as classes permanecem “em inércia” em *O Capital*, reconhece que no capítulo 52, provavelmente, Marx daria à luta de classes o estatuto de algo posto.

necessidade de desenvolver toda uma teorização sobre “a sociabilidade capitalista”, uma “sociabilidade objetivamente mediada”. Para isto, nos mostrará Teixeira que o trabalho é “a categoria fundante da sociabilidade humana”. Em poucas palavras, o nosso autor procura dar um embasamento mais “filosófico” a Marx. Ou seja, procura embasar antropologicamente e ontologicamente o modo de exposição de Marx. Para isto, se apóia sobretudo no capítulo V de *O Capital* e em outros trechos do livro I.

Mas, depois desta parte “antropontológica” sobre o trabalho, vem ainda uma parte sobre o mercado enquanto forma específica da sociabilidade. Aqui, Teixeira, mais uma vez, adianta-se ao modo de exposição de Marx e utiliza diversos trechos de *O Capital*, não seguindo a ordem original. Por exemplo, na p. 63, cita, longamente, o discurso do operário contra o capitalista, trecho do cap. VIII (“A jornada de trabalho”). Logo adiante, Teixeira, reconhece a existência da luta de classes: “Essa contenda se resolve pela luta. Ambos, capitalista e trabalhador, apoiados na lei do intercâmbio de mercadorias, só podem decidir qual deverá ser a duração normal da jornada de trabalho através da luta entre o capitalista coletivo, a classe capitalista, e o trabalhador coletivo, a classe trabalhadora”.¹⁸ Nessa luta, nos explica o autor, “se gesta a possibilidade de surgimento de uma consciência crítica, capaz de transformar radicalmente o existente (...)”. E acrescenta Teixeira em tom ético: “Com isso, pode-se dar por encerrada a apresentação da sociabilidade capitalista — uma forma social que tem um caráter negativo, perverso, já que se constitui como uma relação coisificante”.¹⁹

Somente após estas premissas humanísticas, antropológicas, ontológicas, políticas e éticas, Teixeira considera que é possível compreender a seção Iª de *O Capital*. Como escreve textualmente Teixeira na página 64, encerrando as suas fundamentações “filosóficas”: “É nesse contexto que Marx analisa, na seção I de *O Capital* a forma mercadoria e a forma dinheiro que agora serão objeto de exame”. E conclui: “Sem essa contextualização não se pode apreender as verdadeiras determinidades das categorias mercadoria, trabalho abstrato, valor e valor de troca, dinheiro, etc., como expressão das relações sociais fetichizadas”. Somente então passa a estudar a forma mercadoria, o primeiro capítulo de *O Capital*. Seria necessário tal rodeio? Ou muito mais, estes “prolegômenos” não seriam o atestado de incompreensão do próprio modo de exposição dialético de Marx?

Prolegômenos e luta de classes

Teixeira precisa dos seus prolegômenos pois, ao não compreender exatamente o modo de exposição dialético de Marx, não compreende

18. P. 64.

19. *Id.*, *ibidem*. Cabe perguntar: seria “negativo” sinônimo de “perverso”?

que o que está *pressuposto* é posto pelo próprio processo de *ex-posição*. Exatamente isto faz Marx durante o primeiro livro, como desenvolvi naquele meu artigo²⁰: partindo das contradições da mercadoria, Marx amplia logicamente e historicamente essas contradições até mostrá-las como fundamentadas na expropriação dos produtores diretos, na luta de classes, e mostra ainda como essas contradições apontam tendencialmente para a expropriação dos expropriadores.

Ao ser colocada esta conclusão (luta de classes) no começo, como algo *posto*, isto é, como princípio ou fundamento do modo de produção capitalista, após o término do livro I, passa Marx no livro II à análise do processo de circulação do capital, agora tendo como *ex-posto* o processo de produção capitalista (livro I). Agora a luta de classes refunda todas as análises anteriores. Isto fica claro já no capítulo I do livro II (“O ciclo do capital-dinheiro”). Ao analisar a primeira fase (D-M), Marx retoma e faz referências às seções primeira e segunda do livro I e percebe-se já claramente a diferença: aqui já se parte da mais-valia como mais-trabalho, ou seja, aqui já se parte dos resultados do livro I, e refunda-se, com eles, todo o processo da circulação.

Sobretudo, fica claro, desde o começo do segundo livro, que as relações entre as classes agora aparecem como pressuposto evidente de qualquer ato na esfera da circulação. Como escreve Marx no cap. I do livro II: “A relação de classe (*Klassenverhältnis*) entre capitalista e trabalhador assalariado é algo já existente, já pressuposto (*vorausgesetzt*), no momento que ambos se enfrentam no ato Dinheiro-Trabalho (Trabalho-Dinheiro do lado do operário)”.²¹ Para que este ato se efetive, explica Marx, aparece como pressuposto que os meios de subsistência e os meios de produção sejam enquanto “propriedade alheia” (*fremdes Eigentum*) para o possuidor da força de trabalho. Um pouco mais adiante, Marx faz referência clara ao processo da acumulação primitiva: “que portanto o capital-dinheiro em escala social cumpra a função D-M (força de trabalho e meios de produção) examinada aqui, isto supõe processos históricos através dos quais se dissolveu a combinação originária entre os meios de produção e a força de trabalho; processos graças aos quais se enfrentam a massa do povo, os operários, como não-proprietários e os não-operários como proprietários destes meios de produção”.²² No mesmo sentido, ainda no capítulo primeiro do livro II, escreve Marx, a respeito do capital industrial: “sua existência contém implícito

20. Cf. *Crítica Marxista* nº 3.

21. Ed. alemã, MEW, 24, p. 37.

22. Ed. cit., p. 38. Nesta mesma página, Marx nos remete diretamente à seção sétima do livro I: “Vimos anteriormente, que a produção capitalista, uma vez estabelecida, não somente reproduz em seu desenvolvimento tal separação, senão que a amplia em escala cada vez maior, até que se converte no estado social dominante”.

o antagonismo de classes entre capitalistas e trabalhadores assalariados”.²³ E todo o livro II será assim a análise da circulação, mas partindo dos resultados do livro I: a produção é um pressuposto para a circulação e o pressuposto da produção é o antagonismo e a luta de classes.

Quando no livro III se analisa finalmente o processo de produção capitalista em seu conjunto, ou “o processo total (*der Gesamtprozess*) da produção capitalista”, nos aproximáramos mais do modo de produção capitalista na sua forma mais determinada e, assim, mais próxima da “vida da matéria”. No entanto, sabemos que o livro III, particularmente, permaneceu inacabado. Porém, mesmo esboçado, mesmo na forma que o possuímos, é indubitável que não se afasta, em linhas gerais, da mesma análise abstratamente desenvolvida no livro I. Nesse sentido, reencontra-se ao final do livro III, ainda que em outra instância de análise, a mesma “tendência histórica da acumulação capitalista” apresentada ao fim da seção sétima daquele livro: a negação da negação, a expropriação dos expropriadores.

Neste livro III, na concretização do processo de produção capitalista, Marx passará da mais-valia para a noção de taxa de lucro e depois para aquela de lucro médio. Chegando à seção III, descreverá a lei da queda tendencial da taxa de lucro e as reações a essa lei, apontando nesta seção como as contradições estruturais do modo de produção capitalista intensificam, por um lado, o grau de exploração da força de trabalho e, por outro lado, a própria luta de classes.²⁴ Após estudar o capital comercial, financeiro e a renda do solo, na seção sétima, Marx volta-se para as rendas e suas fontes. Ressaltará então no capítulo 51 o caráter transitório das diversas formas concretas do processo de trabalho humano. Como escreve ele: “quando o processo de trabalho não é mais que um simples processo entre o homem e a natureza, seus elementos simples são comuns a todas as formas sociais de desenvolvimento deste processo. Mas cada forma histórica determinada deste processo continua desenvolvendo as bases materiais e as formas sociais dele. Ao chegar a uma certa fase de maturidade, a forma histórica determinada é abandonada e dá lugar a uma forma mais elevada”.²⁵ Descrevendo então de maneira precisa o que caracteriza a derrocada de um modo de produção, acrescenta Marx: “Que o momento da crise se anuncia mostra-se assim que ganha amplitude e profundidade a contradição (*Widerspruch*) e o antagonismo (*Gegensatz*) entre as relações de distribuição e, por isso, também, por um lado, a forma historicamente determinada das relações de produção que lhes correspondem e, por outro lado, as forças produtivas, a capacidade de

23. Ed. cit., p. 61.

24. Cf. particularmente, livro III, cap. XIV, itens 1 e 2.

25. Livro III, MEW, p. 890-891.

produção e o desenvolvimento de seus agentes. Surge então um conflito entre o desenvolvimento material da produção e sua forma social”.²⁶

Aproximamo-nos do fim do III livro, vem então o seu último capítulo, o inacabado capítulo 52, que significativamente começa o estudo das classes sociais: “Os proprietários da simples força de trabalho, os proprietários de capital e os proprietários de terras, cujas respectivas fontes de rendimentos são o salário, o lucro, e a renda fundiária, portanto, trabalhadores assalariados, capitalistas e proprietários de terras, constituem as três grandes classes da sociedade moderna, que se baseia no modo de produção capitalista”.²⁷ Pode haver dúvida que o capítulo 52 anunciaria, mais uma vez, como no capítulo XXIV do livro I, a mesma tendência histórica da acumulação capitalista à sua derrocada? Certamente aqui a negação da negação, a expropriação dos expropriadores, apareceria de forma muito mais determinada. Nesse sentido, Engels chega a dizer no seu prefácio ao livro III que Marx não escreveu este último capítulo a respeito das classes, pois pretendia desenvolvê-lo quando já fosse mandar o livro ao seu editor; e isto, para poder colocar os fatos históricos mais recentes. É como se Marx estivesse esperando o avanço da luta de classes para escrever o último capítulo de *O Capital*, ou melhor, é como se os próprios acontecimentos da luta de classes devessem escrevê-lo. Para Marx o fim de *O Capital* aparecia, sem dúvida, vinculado indissoluvelmente ao próprio fim do sistema capitalista que o livro tinha como verdadeira e única conclusão. Lembremos ainda uma vez a carta de Marx a Engels, datada de 30/4/1868.²⁸ Nessa carta, Marx anuncia o plano final de sua obra e de maneira inequívoca confirma as nossas afirmações: “...as fontes de renda das três classes, dos proprietários de terra, dos capitalistas e dos trabalhadores assalariados — luta de classes (*Klassenkampf*)”, e continua Marx, “luta de classes como conclusão (*Schluss*), na qual, o movimento se dissolve e dissolução de toda essa merda! (*Auflösung der ganzen Scheisse!*)”.

Teixeira e o livro III

Voltando ao texto de Teixeira, vemos que quando analisa o livro III, em seus resumos assim como na parte III,²⁹ paradoxalmente, nada diz a respeito desse desfecho fundamental do livro III, assim como já não dera importância à “tendência histórica da acumulação capitalista” do livro I. Observemos, particularmente, como encerra o resumo do livro III:

26. P. 891.

27. P. 892.

28. MEW, 32, p. 75.

29. Primeiramente na p. 46, depois na introdução da parte III, p. 267-271 e finalmente em toda a parte III.

“Finalmente, seção VII, Marx dedica uma crítica à ‘economia política vulgar’, que toma a aparência do sistema por sua essência”.³⁰ Teixeira nada diz do capítulo 52, nem aqui nem depois. Na sua parte III, Teixeira se afasta definitivamente do desenvolvimento do texto de Marx. Nada diz da seção VII e de muitas seções, pois como explica ele, com o que já foi apresentado, “julga-se que as maiores dificuldades de compreensão de *O Capital* encontram-se com isso contempladas”.³¹ Ora, o capítulo 52, mesmo apenas começado, evidentemente, pretendia retomar, de maneira mais determinada, o capítulo XXIV do livro I, a luta de classes, a expropriação dos expropriadores, a derrocada do sistema capitalista. Quem escreve uma obra sobre os três livros de *O Capital* e não ressalta como o modo de exposição de Marx desenvolve o próprio processo de negação do sistema capitalista de produção, muito pouco colaborou na compreensão dessa obra.

Mas essa ausência, como os outros recortes, sobreposições e antecipações de Teixeira não são muito surpreendentes. Como muitos leitores acadêmicos de Marx, Teixeira recorta, antecipa e desmonta o modo de exposição de *O Capital* para melhor reencontrar um Marx analítico, crítico e não-dialético, ou seja, “científico”, mas, certamente, não-revolucionário. Como muitos outros, evidentemente, Teixeira coloca entre parênteses a luta de classes. Para ele, a luta de classes, como vimos, aparece, mas somente nos seus “prolegômenos” a *O Capital*, mas não, no entanto, quando o próprio Marx a coloca no âmago do seu modo de exposição dialético, como pressuposto, conclusão e fundamento. Aliás, segundo Teixeira, a luta de classes não está presente em *O Capital*. Como afirma literalmente em trecho que discute a pauperização absoluta. De passagem, afirma Teixeira: “Isso Marx tinha presente mesmo na exposição de *O Capital*, onde não se põe ainda a luta de classes, (...)”.³²

Era isso que tínhamos, aproximadamente, a comentar sobre “Pensando com Marx”. Somente ainda gostaríamos de repetir a pergunta do nosso título: pensando com Marx ou contra ele?

30. P. 271.

31. *Ibidem*.

32. P. 199.